Chapitô

Maio 2020

MAIO MÊS DA MULHER

“MAIO, MADURO MAIO...”

Somos poucas as mulheres com esta profissão de fazer rir os outros: **PALHAÇAS, de bola vermelha na ponta do nariz**!

Fazemos rir o mundo inteiro... e eu distraí-me: **de tanto a olhar as outras, quase me esqueci de mim**!

Esqueci-me da vida que eu queria e dei comigo a pensar como seria essa vida de **palhaça de profissão e mulher de condição**.

Mas a vida não é como a gente quer. **A vida é como a gente pensa**!

Mês de Maio, “maduro maio”, fecundo tempo.

Por isso, e desde há muito, também mês de mulheres, mês do Chapitô no feminino. Enquanto artista de longa carreira, as palmas são também sinónimo de grande responsabilidade nesta Casa de Cultura - na fidelização de públicos, na formação de artistas com a Escola de Artes e Ofícios do Espectáculo, no fomentar o diálogo entre os pares.

Maio é mês do **Ciclo de Mulheres Palhaças**. E o sentimento de responsabilidade assola-me de novo: responsabilidade, direito e dever de **partilhar com o meu País o que de melhor se faz e acontece no mundo do Circo** pelo Mundo inteiro - desta feita, *online* ,por força das circunstâncias a que nos remeteu este Covid 19.

Maio é, por isso mesmo, **um mês de novos desafios** e a ele dedicamos a batalha por **mais público**, por **mais apoios**, por **mais parceiros** de produção, **nunca esmorecendo**, **nunca desistindo**, trabalhando sempre com o desejo e a premissa de **inclusão da comunidade no mundo e na cidade de Lisboa**.

EdiTORial

Um mês de celebração da **cada vez maior afirmação e poder de concretização das Mulheres pós 25 de Abril.**

Aliás, para mim, **mulher de trabalhos sem fim**, sempre com prazer, todos os dias convoco essa forma de estar no mundo **para fazer avançar o mundo**. Estamos cá, prontas para-o-que-der-e-vier, mas **contamos com quem vier e der com generosidade e determinação para a mudança de paradigma que urge**.

Toda a atenção é pouca para as anomalias que ainda perduram no nosso tecido social, muito marcado por comportamentos de violência e de discriminação. É preciso acabar com o enorme fosso entre ricos e pobres (“*uns com tanto, outros tantos com algum, mas a maioria sem nenhum*”). Para essas situações não pode haver apelo nem agravo! **O pluralismo político e os consensos**, sem perder o direito à liberdade de pensamento, **são preciosos**, diria mesmo fundamentais, para um país em pleno desenvolvimento.

Que as Artes e a Cultura nos aproximem cada vez mais!

TERESA RICOU

AS MULHERES PASSAM A VIDA A DAR VOLTAS AO MUNDO

As MULHERES passam a vida a dar voltas ao mundo.

Voltas de 360º e **mais voltinhas em todos os graus**!

E voltas a todos os destinos.

Para poderem **convocar as rosas-de-todos-os-ventos**.

As MULHERES sentem e sabem que são viagens intermináveis, porque são voltas ao mundo conhecido e a **muitos mais mundos escondidos**.

Mas sentem e sabem que **só na viagem se cumprem**.

As MULHERES sabem valorizar a experiência e sabem como **iniciar quem ainda está a crescer e a aprender as artes do viver**.

Corajosas são as MULHERES!

Prudentes na sua força e na sua determinação nas lutas diárias.

Serenas no impulso de criar, em *continuum,* novas condições para outras formas de ver, de sentir, de estar e de fazer no mundo.

Elos e pontes entre ontem e amanhã, porque reconhecem na história do passado os sinais que já inventam e projectam o futuro.

Essa energia profunda e ancestral que nos constitui MULHERES foi-nos levando a grandes feitos. Também a grandes resistências quando é preciso.

Essa energia primordial suporta e sustenta as vontades do mundo, e oferece-se sempre que há avanços qualitativos, e fecunda-se sempre que o sentido da mudança seja para **mais justiça e para melhor humanidade**.

São as MULHERES que aguentam as totalidades da vida. A toda a hora e em simultâneo, e sem intermitência, **são a fortaleza**, **o abrigo**, **a mãe**, **a avó**, **a companheira**, **a profissional**, **a trabalhadora**, nos tempos difíceis e nos melhores dias.

As MULHERES passam a vida a dar voltas ao mundo. E nesse saber de voltas feito, trabalham sem descanso, até conseguir!

Eu MULHER, **no CHAPITÔ que sonhei e fiz**, tive a sorte de **vivenciar o que acima pensei**.

As MULHERES passam a vida a dar voltas ao mundo.

E nessas voltas tecem o devir.

Teresa Ricou

CHAPITÔ: UMA ESCOLA PARA LÁ DO GÉNERO

O Chapitô e a Escola do Chapitô tornam consciente, no dia-a-dia, o Circo de que são herdeiros. E se (ainda) é verdade que "as mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história", **no Circo, as mulheres são parceiras dos homens por mérito próprio**. A nossa fundadora, **Teresa Ricou**, é exemplo vivo dessa premissa.

Por isso, **numa Agenda inspirada pelo Feminino**, é significante aqui sublinhar que dos cerca de 110 alunos que frequentam o actual ciclo de formação do Curso de Artes e Ofícios do Espectáculo, **72 são jovens mulheres (65%)**. E na rampa de candidatos para o novo ciclo de formação (2020-2023) **o feminino continua maioritário (84%)**.

A Escola do Chapitô é um laboratório de explorações.

Na Escola do Chapitô **ensina-se o entrecruzamento plástico, técnico e poético do corpo, da palavra e do objecto**. Não é uma guerra! É um campo de fecundas e criativas tensões entre as Artes do Circo e os Ofícios do Espectáculo. **Porque o Circo é um espectáculo total**, feito de dentro e de fora, de artistas e de públicos, de palco e de bastidores, de risco e de riso, de luz e de mistério.

Entrar no Chapitô é, pouco a pouco, **fazer parte de uma família paradoxal** em que o diálogo, a comoção, o excesso, a correcção, a surpresa, a alegria, a festa, a reflexão… são nossas, de manhã à noite.

Os adolescentes que entram no Chapitô experimentam uma outra relação com o tempo e com o espaço, com a imaginação e com a realidade, com a atenção e com a frivolidade, com o saber e com o conhecimento. Aqui, **aprendem a necessidade absoluta do autodomínio, do desafio, da perseverança, da energia, da disciplina, da cooperação**.

A Escola do Chapitô é **uma Escola à medida do sonho**!

Vem estudar connosco. Inscreve-te aqui.

Maio mês de MARIA

São José Lapa

Tantas as portuguesas Marias mas tantas as Marias diferentes. Filhas de mães crentes e de grande religiosidade, a grande maioria delas. Outras as Marias maravilhosamente responsáveis na sua autonomia ideológica, na sua liberdade cívica, na sua libertação sexual

Eu Maria me confessei, eu Maria, a crente a religiosamente crente, segui os princípios do catolicismo, durante toda a minha adolescência e acreditei. (Acreditar vem «de a- + crédito + -ar»; por sua vez, crédito vem «do lat[im] creditu-, "empréstimo", pelo italiano credito, "confiança; crédito"». Acreditar significa, essencialmente, «considerar como verdadeiro; aceitar; admitir; dar crédito a; ser fiador de alguém» e «ter fé; crer; considerar possível».) E hoje, como me encontro? Transformei me neste início da minha velhice numa criatura sem esperança, sem crença alguma´? Será que a minha utopia na luta por um mundo diferente onde a miséria a pobreza pudesse desaparecer, onde a justiça reinasse, onde o mal não fosse banalizado, com a pandemia covid me faz agora olhar para os vários povos deste nosso planeta e ver distopia every where ! Nas minhas escrevinhações disse " a tristeza está a tomar conta de mim mas por uma questão de sanidade, de sobrevivência e saúde mental exijo me a acreditar", a CRER que muito ainda se fará de mudança.

Mudança para o bem comum. Mudança, onde a riqueza será justamente repartida e onde o mal será sempre julgado, onde o mal NÃO SERÁ NUNCA BANAL! Esta a minha crença, mês de Maio mês das Marias.

O REGRESSO DE HÉSTIA

Helena Roseta

Nas cidades gregas, dois deuses simbolizavam o desenvolvimento do espaço urbano. Hermes, deus da viagem, dos mercadores e dos ladrões, era invocado às portas da cidade. Héstia, deusa do lar e da intimidade, era celebrada no centro das casas e simbolizada nos arcos que davam entrada ao coração da cidade.

Nas cidades que conhecemos até à covid 19, Hermes triunfa sobre Héstia. O automóvel domina o peão. Monumentos e toponímia celebram heróis, artistas ou políticos, homens quase sempre. As virtudes, a Pátria, a vitória, palavras femininas, são simbolizadas pela imagem, idealizada e desnudada, da mulher sem nome.

A pandemia veio revelar, de forma brutal, o desequilíbrio de um mundo global demasiado consumista, demasiado predador, demasiado esquecido dos valores da intimidade e do acolhimento. Cuidar dos doentes, cuidar das crianças, cuidar dos mais frágeis, tornou-se uma urgência absoluta. As funções cuidadoras, tradicionalmente femininas e tantas vezes menorizadas porque se fazem na esfera do privado e sem remuneração, emergem como uma nova prioridade colectiva. Cidades e comunidades mais sustentáveis e resilientes vão precisar de mais sabedoria feminina nos postos de comando. Não por acaso, é em países com mulheres à frente que melhores resultados se têm obtido no controle do novo coronavírus.

Há que tirar lições do flagelo que assolou o planeta. Desde logo, repensando a forma como organizamos o tempo e o espaço e como fazemos das cidades locais mais acolhedores e saudáveis. Precisamos para isso de reequilibrar a distribuição do poder, que tem de ser mais feminino, mais diverso, mais plural. Chegou o tempo de repor Héstia no lugar central que lhe é devido.

14 de maio de 2020

Imprescindíveis

Pilar del Río

Houve um tempo em que uma mulher, se queria sair do seu âmbito privado e dependente – filha, esposa, mãe -, tinha de se comportar como um homenzinho: iniciar batalhas, ganhar guerras, ser, pelo menos, uma Joana d'Arc com lança, bandeira e uma obsessão. Caso contrário estaria reduzida ao silêncio, já que a universidade estava vedada às mulheres, também as aventuras, assim como a dedicação às artes, pintura, música ou literatura, para não falar da religião: não é apenas que as mulheres não estavam – ou estão – nas estruturas das diferentes confissões, é que as confissões religiosas pregam o papel marginal das mulheres na vida pública, essa que exalta o ardor guerreiro e o valor da conquista, conceitos tão valorizados que chegam a ser utilizados até para os sentimentos, por exemplo a tal "conquista amorosa", seja isso o que for.

É que, desde o começo da história, o bélico motiva, e talvez por isso as praças do mundo têm as suas estátuas de conquistadores, guerreiros poderosos que às vezes assentam os seus pés sobre os corpos que antes mataram. A história, segundo os manuais, satisfaz-se com os momentos bélicos, há um rasto de disputas que parece construir o relato da humanidade. Estas façanhas de matar ou morrer eram cantadas depois em obras gloriosas que não manchavam o leitor por serem sangue lírico, patriótico, emanadas de feridas indolores, porque quem morria pela pátria era um herói que ficaria imortalizado por um poeta e seria eternamente louvado... O bélico, sinónimo de triunfo e poder, condicionou a vida no passado e neste presente entristece as praças das cidades, sem monumentos ao trabalho de resistência das mulheres ao longo da história.

Resistência, sim. Agora sabemos que Joana d'Arc não nos representa. Mais ainda, as mulheres que o patriarcado escolheu como exemplos, quando não teve mais remédio do que contemplar a existência de outros seres humanos sobre a face da terra, também não nos representam. Trataram de impor modelos de mães amorosas, filhas dedicadas, esposas devotas e até de uma mãe virgem -o maior de todos os achados, que entusiasmou legiões de seguidores por tantos séculos- mas esses modelos não nos representam, não precisamos que nos descrevam porque temos voz própria para nos dizermos. Dessa forma surgiram na sociedade, tão presa às tradições, mulheres que ignoravam normas e resgatavam valores, que narravam o passado sem a distorção dos patriarcados. E encontramo-nos com a inventora do fogo, ou da roda, ou com pinturas escondidas nos armazéns dos museus, e soubemos que compusemos música embora não esteja assinada, e que essas partituras foram às vezes criadas num piano instalado na cozinha e dando de mamar a um filho enquanto os outros brincavam no chão e a sopa fervia no fogo. É verdade, não há monumentos nas praças para as mulheres que encontraram um quarto só para si no meio do obscurantismo da ideologia patriarcal, nem para as que entraram nas academias reivindicando a existência do feminino na vida pública e nos dicionários, nem para as que enterraram os filhos que o poder havia matado com a sua absurda ambição. Não há reconhecimento para a corajosa resistência que chegou até hoje, quando as mulheres podem dizer não em praça pública porque se reconhecem sólidas e pertencentes a uma gloriosa maneira de estar na vida que, tantas vezes, evitou que a humanidade se precipitasse para o abismo.

Cada época da história teve mulheres fazendo contrapeso à loucura. Por isso, agora que já o sabemos, é chegada a hora de enchermos as ruas do mundo com a força e sabedoria de sermos protagonistas imprescindíveis deste nosso tempo. Sem que nenhum guerreiro nos vigie do alto de uma coluna, nem nenhum profeta nos ameaça com as suas fobias.

Gosto de me deitar no palco

Maria João Luis
(actriz)

Gosto de me deitar no palco, sempre gostei,
de barriga pra cima a olhar a teia!
O tempo pára e eu própria já não preciso de respirar.
Faço uma pausa não dramática.
Faço uma pausa no tempo e não vivo, não penso,
não respiro, logo não vivo.
Ao mesmo tempo não morro!
Impossível morrer quando se está neste estado de invisibilidade.
Sinto uma sensação idêntica quando me movo em cena e digo.
Falo as palavras dos outros, escolhidas por mim ou por outro.
Quando não acredito nas palavras a morte apanha me e então tenho de lhe explicar que sou actriz e que ela a morte está só num palco onde se pode ser falso, onde se pode mentir e que mesmo ela não é bem ela!
Tudo isto se passa com o público a olhar, a assistir e a vibrar!
O Teatro é um espaço de não morte!
Quando voltar a um palco é isto que vou fazer
Deitar-me
Tornar me invisível
Conversar com a morte
E dançar
Acho também que vou chorar de saudades
e de alegria plo reencontro !

A Mulher é um exemplo de força, resiliência e determinação. A prová-lo está a História e as histórias de tantas mulheres que abriram e continuam a abrir caminho para que a igualdade seja cada vez mais uma realidade.

Mariana Vieira da Silva
Ministra de Estado e da Presidência

As mulheres que fazem o que é preciso, as anónimas, as que dão espaço a outras, as que são como quiseram que elas fossem e as que são o que precisam ou têm de ser. Juntas bordamos as máscaras que nos esconderam mas não nos calaram, com as linhas que nos confinaram mas não nos prenderam. Juntas seguimos pelo que foi e pelo que está para vir.

Rosa Monteiro,
Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade

EU NÃO SEI O QUE É NÃO SER MULHER

Luísa Meireles,
jornalista.

Eu não sei o que é não ser mulher. Para mim, questões filosóficas à parte, é ser. Em caixa alta, de preferência: SER.

Não sei ser de outra maneira, nunca me ensinaram a ser outra coisa, nunca me quis fazer passar por mais nada. Ser género humano, para mim, é no feminino. Como diria alguém: não sei se me faço entender.

No fundo, o que eu quero dizer é que é como mulher que vejo o mundo e o analiso. Não quero envolver-me em debates sobre um olhar ou sentir feminino ou masculino, ou qualquer outra coisa, ao sabor do politicamente correto de hoje em dia, nada disso. É que, como todos sabemos, cada um é o que é e a sua circunstância – o corpo, o que o circunda, o contexto histórico. E, replicando Ortega y Gasset, "e se não a salvo, não me salvo eu".

Postas assim as coisas, não sei se isto é bom ou mau, não tenho termo de comparação. Mas tal facto não me ilude, nem me apaga a capacidade de ver as diferenças entre os géneros, na sua maneira de ser e no modo como são vistos. Porque aí, sim, há um mundo de diversidades, oportunidades, disparidades, desigualdades. E é onde reside o busílis.

Isso a vida ensinou-me. Diz-se que o século XX foi o "século das mulheres", que viram a sua ascensão e entrada em massa na vida profissional e social que lhe está associada, a tomada em mãos da sua sexualidade. Mas não chegou a perder a vertente dos encargos familiares e do lar. Foi um século de acumulação, sim, de muitas tarefas. E responsabilidades.

Desde cedo aprendi que uma mulher para ser igual a um homem – ou para chegar aonde ele chega – tem de ser muito melhor, ou de se esforçar mais para lhe ser reconhecida igual competência. Que o seu modo de exercer a liderança é muito diferente (e que alguns ainda se ressentem disso), que usa outros recursos. Aprendi também que não é preciso impor a presença das mulheres. Sempre achei que elas chegariam "lá", até porque são, ou foram ensinadas a ser (e cuidado com as generalizações) mais focadas e mais resistentes. E chegaram.

Os resultados estão aí, à vista de todos. A civilização progride, a cultura vai mudando lentamente, com avanços e recuos, como as marés, mas vai avançando sempre. As mulheres vão-se impondo. E, curioso, são sobretudo as mulheres mais velhas [li isso num estudo de prospetiva da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico] porque chegam de um tempo anterior e foram postas à prova, não por viverem mais do que os homens. Angela Merkel, Christine Lagarde, Úrsula Von der Leyen, sei lá, muitas outras, que ocuparam ou ocupam cargos de responsabilidade nos seus países ou a nível mundial.

O futuro é das mulheres, não tenho dúvidas. As jovens de hoje têm um imenso horizonte à sua frente. Sabê-lo-ão percorrer, umas melhores que outras. Sendo tudo e a sua circunstância ao mesmo tempo.

© UMAR/Centro de Documentação e Arquivo Feminista Elina Guimarães

«Elas são quatro milhões, o dia nasce, elas acendem o lume.»

Catarina Martins

Começa assim o Cravo de Maria Velho da Costa, publicado em 1976. Escrevo este texto no dia seguinte à sua morte e é nele que encontro as palavras certas sobre as mulheres nestes tempos: «Elas carregam no botão da caixa e fazem quinhentos trocos miúdos. Elas metem a cavilha, dizem outro número e passam a vigésima chamada. Elas mexem panelões que lhes chegam à cinta. Elas descem doze caixotes de lixo já noite fechada. Elas fazem todas as camas e despejos de uma família alheia. Elas picam bilhetes metidas numa caixa de vidro. Elas batem à máquina palavras que não entendem. Elas arquivam por ordem alfabética duas mil fichas e vinte e cinco ofícios. Elas vão outra vez buscar a gaveta das luvas para o balcão a ver se há aquele verde. Elas aspiram do pó antes das nove doze assoalhadas e cento e dez degraus de alcatifa. Elas entram na praça manhã cedo, já vindas da lota ajoujadas com o peixe para as bancadas. Elas acertam as bainhas de joelhos, a boca cheia de alfinetes. Elas põem trinta e duas arrastadeiras e tiram sessenta temperaturas. Elas pintam unhas de homem. Elas guardam sanitas e fazem renda em pequenos cubículos sem janela.»

Neste maio de 2020, maio de pandemia e de medo, elas lá estão. Elas estão na caixa do supermercado, elas estão nas cozinhas das cantinas, elas estão a limpar as cidades e os transportes e os hospitais, elas estão na cabeceira dos doentes, elas estão nos lares. Nos dias de emergência e em todos os outros dias, na linha da frente do risco, do cuidado, do país que não pára, elas lá estão.

Elas saíram das lojas nos shoppings a exigir que fechasse o que não podia estar aberto, quando para os patrões só valia o lucro. Elas fizeram greve para exigir equipamentos de proteção para limpar o metro, quando lhes coube velar pela segurança dos outros e se esqueceram da delas. Elas ficaram sem ver os filhos, fechadas com os utentes dos lares. Elas desdobraram-se em turnos sucessivos no hospital. Elas ganham o salário mínimo. Elas são precárias e sabem o que é perder o chão e o teto num instante.

Agora que o tempo é o do desconfinamento, agora que tudo tem de ser reconstruído, agora que todas as instâncias nos garantem que nada pode ser como antes, será agora que reconheceremos quem nos segura? Ouço a Capicua, na Mulher do Cacilheiro, «Enquanto a cidade acorda / Já elas estão na batalha há muito tempo».

24 de maio de 2020

DEMOCRACIA, COVID, AUTORITARISMO MULHER:

Eugénia de Freitas Passada

"Nunca entrego os pontos…".

O perigo da Vida é eminente,

O perigo do COVID é eminente,

O perigo da Sobrevivência é ainda mais feroz.

E o MEDO?

O medo permite o autoritarismo . NUNCA

A Morte e o Medo devem ser a energia para a sobrevivência, para a nossa reinvenção, para a descoberta e EVOLUÇÃO, como só as Mulheres sabem e são capazes.

"Bora" seguir em frente com coragem, solidariedade e AMOR.

FAZ TU MESMO

1

RECICLAGEM:

Como transformar uma T-SHIRT num colar de Tecido

2

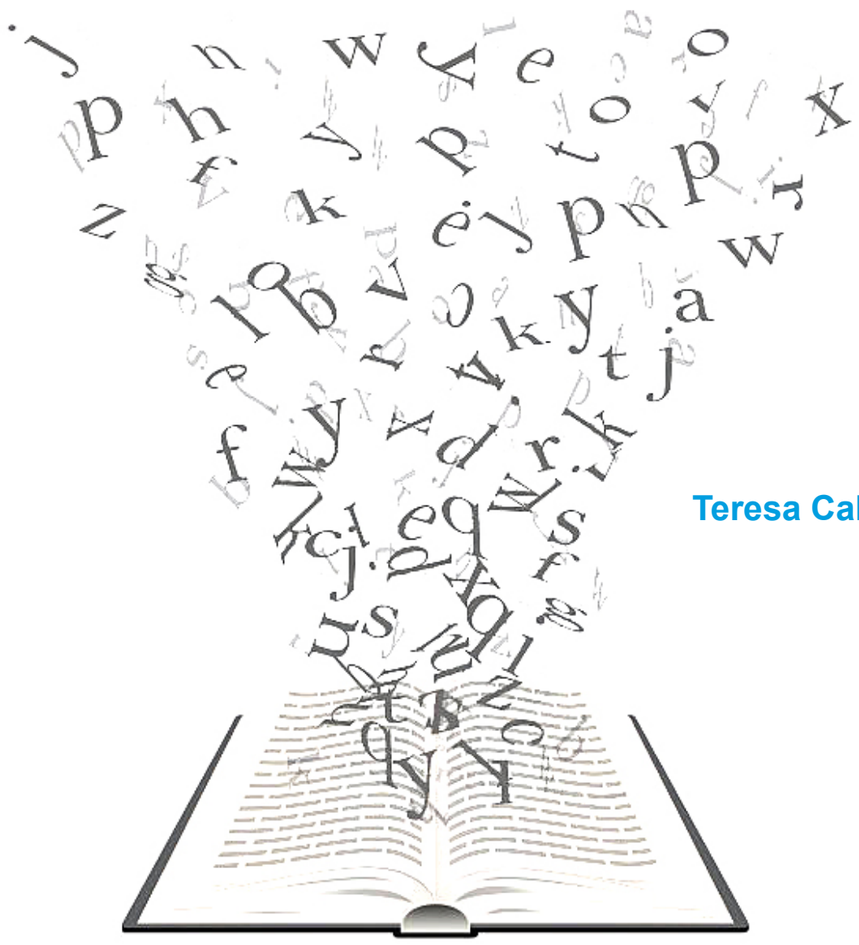
TRANÇAS

Como fazer um penteado com várias tranças

P A L A V R A S

Se perguntada sobre o que mais gosto digo ,sempre, as palavras.Faz muito tempo que encontrei nas palavras a forma do meu estar e do meu ser.
Tive muita sorte porque, pequenita eu, me deram pela voz das histórias contadas oralmente por um amado tio velho e sabedor, com sotaque brasileiro, muitas histórias.
Eram doces as palavras, então.
Pela vida percebi ,como diz o poeta ,que umas são-no ...
outras nem tanto
“São como um cristal,
as palavras.
Algumas, um punhal,
um incêndio.
Outras,
orvalho apenas.(...)

Eugénio de Andrade



Teresa Calçada

Nem por isso deixei de as amar e fazer delas companhia omnipresente. Descobrindo -as , descobri , para meu gosto, alegria e liberdade, os livros e a literatura .

Li e leio de tudo, quase tudo, – ensaios de vários tipos, filosofia, política , mais arte e menos ciências, mas sempre narrativas –por excelência, ficção e poesia .

Encontrei na riqueza infinita das palavras a matéria da minha construção, com elas aprendi a dignidade, o belo, o feminino a consciência do social .
Compree
ndi que quem gosta de ler tem que dar a ler ,e disso fiz ,há longos anos,a minha profissão . Profissão de fé, de combate , de trabalho e de devoção.

Julgo ter eleito as bibliotecas para exercer e exercitar o gosto de ler, ensinar o valor da leitura e da escrita, afirmar com elas e e por elas um direito humano fundamental, defender a cultura como valor humanista democrático e livre.

Por isso as defendo, hoje como ontem, como a casa das palavras. A história das bibliotecas mostra a sua flexibilidade e adaptabilidade às diferentes revoluções e sociabilidades- no modo, meios e formatos que os tempos vão inventando para preservar e difundir a palavra dita,escrita e lida. Sempre espaços de acesso, convívio e promoção , que devem chamar a si o papel primordial de fazer leitores. Leitores de vários tipos, mais ou menos habilitados, mais competentes, mais exigentes, autónomos ou a precisar de curadorias. Leitores de todas as formas e feitios, ávidos ou receosos, pequenos e grandes :sem preconceitos no dar a ler. Só assim, se fazem leitores por gosto.

Sem os leitores que vale o que se escreve, edita , performa e promove nas livrarias? Referir aqui as livrarias ,não é por acaso – elas são a face dos livros que oferece ao público, a escolha, as opções, os interesses, a diversidade .

A sua vitalidade espelha a oportunidade das sociedades se oferecerem como plurais , abertas, não unidimensionais, permitindo vencer a linha ténue que separa o saber da ignorância. E da escravidão.

Entre as muitas verdadeiras e falsas escolhas , há que refletir sobre o valor e o uso e a função criadora das palavras, como reconhecível ambiente que nos defende da barbárie ,que um tempo fugaz e muito rápido de vertigem e entretenimento, pode significar.

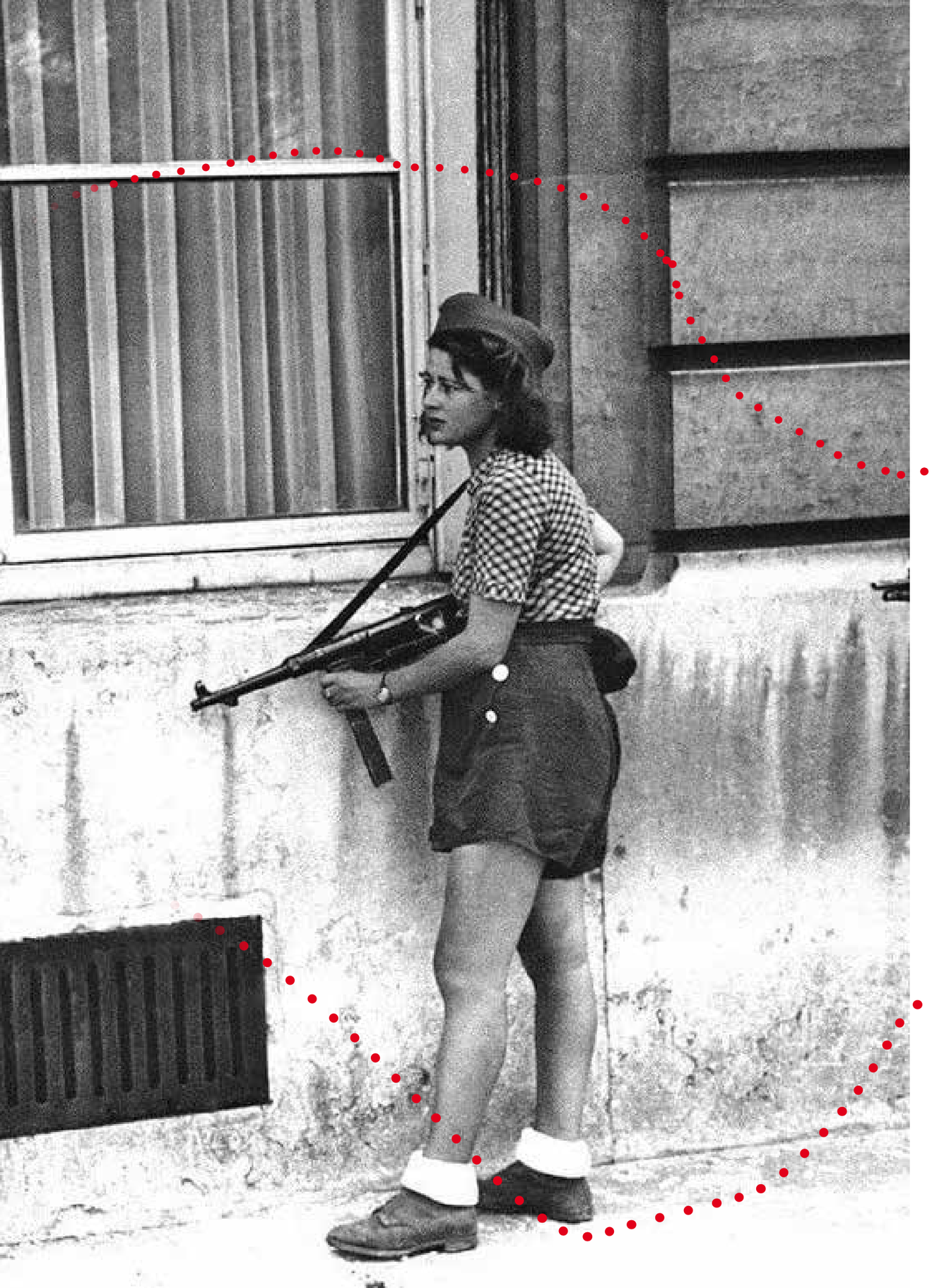
Urge manter a leitura e o livro como lugar do humano.

Dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, o mais assombroso é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensões do seu corpo. O microscópio, o telescópio são extensões da sua visão; o telefone é a extensão da sua voz; depois temos o arado e a espada, extensões do seu braço. O livro, porém, é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação. (…)”, Jorge Luís Borges, Borges

Ser mulher é ser o mundo inteiro

Simone de Oliveira

Ser mulher é ser o mundo inteiro.
É ser o mar, o sol, a chuva, é ser uma imensa nuvem
maravilhosa que, quando atravessa o céu, deixa um rasto de luz.
Nós somos a força, a gargalhada, o trovão, a raiva, a ternura.
Somos um amor, um imenso abraço,
as mãos abertas e também uma gargalhada forte
e mais um tudo que eu não sei dizer.
Ser mulher é lutar sempre, a vida inteira para…SER…
Maio somos todas Nós.



QUEREMOS IGUALDADE!

Maria Joao Abreu

As mulheres carregam uma herança ancestral. Viveram durante milhares de anos submetidas à vontade dos homens da sua família: pai, irmãos, tutores e depois o marido.

Infelizmente esta cruel realidade ainda se arrasta em muitas partes do mundo.

Com a Revolução Industrial a mulher foi conquistando a sua emancipação trabalhando nas fábricas fora da esfera familiar. No entanto, o seu salário seria sempre inferior ao do homem.

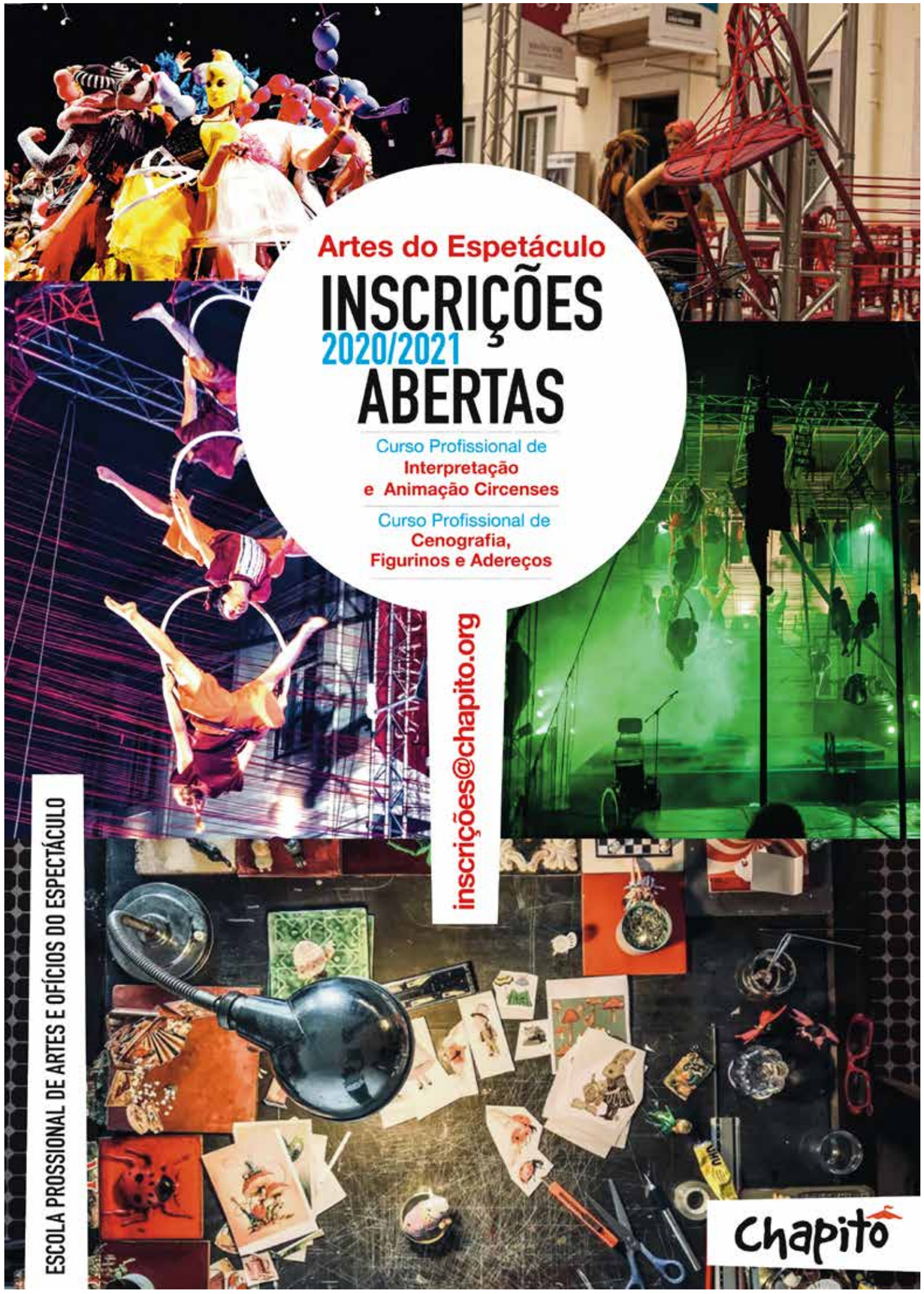
Tem sido tarefa das mulheres, creio, educando seus filhos, passando valores no sentido da igualdade de género.

Felizmente os homens desta geração lutam por essa igualdade, não obstante, existe a minoria que ainda, cruelmente torna as suas mulheres vítimas de violência doméstica!
Basta!
Queremos igualdade!
Somos mulheres de armas, de estado, de lei, letras, negócios, partido, pública.
Somos o útero da vida!!!

CHAPITÔ À MESA

Estamos em Maio e caminhamos para o Verão. Temos por todo o lado um festival de cores e de aromas. Já é tempo de gozar de novo o sol e o convívio do ar livre. Aqui, no Chapitô à Mesa sabemos como são as coisas e saudamos esta vontade renovada de abrir portas e janelas e criar este ambiente caloroso com que recebemos os nossos clientes, todos os dias. Agora com uma nova equipa com gerência de Tiago Dominguez e Pedro Abril.
Cá estamos à vossa espera…

RESERVAS: 218875077 - reservas@chapitoamesa.pt



Chapito

13º CICLO DE MULHERES PALHAÇAS

ON LINE

MAIO 2020

Chapito

Costa do Castelo 1, 1149-079 Lisboa
Telefone: 218855550
www.chapito.org

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA
dgARTES DIRETÓRIO-GERAL DAS ARTES
LISBOA
Ministério da Educação
SEGURANÇA SOCIAL
MAKE UP SCHOOL